

METAPLASMOS NA FALA DE MELGACENSES: UM RECORTE SINCRÔNICO

METAPLASMS IN THE SPEECH OF MELGACENS: A SYNCHRONIC CROP

Adriana Paixão Pereira¹

Cinthia de Lima Neves²

RESUMO: Historicamente, a Língua Portuguesa passou por diversos processos de transformação fonética chamados metaplasmos, os quais são o objeto de estudo deste trabalho, cujo objetivo é identificar transformações fonéticas na fala de moradores de Melgaço-PA, tratando-os como processos de variação linguística. Baseado nos modelos de Coutinho (1976), Câmara Jr. (1884), Labov (2008), Bagno (2008) e Faraco (2007), para a constituição do corpus, construiu-se um questionário, constituído de perguntas previamente selecionadas contendo, propositalmente, as respostas com os vocábulos transformados mais recorrentes, tendo sido reunidos ao todo 120 dados. A análise quantitativa aponta que os metaplasmos mais recorrentes na comunidade investigada são do tipo transformação, i.e., um fonema da palavra se transforma passando a ser um outro fonema. Ressaltamos que este estudo é um recorte sincrônico, tendo sido considerados apenas os fatores de natureza extralinguística nas variações encontradas.

1336

Palavras-Chave: Metaplasmos. Melgaço. Sociolinguística Quantitativa.

ABSTRACT: Historically, the Portuguese language has undergone several processes of phonetic transformation called metaplasms, which are the object of study of this work, whose objective is to identify phonetic transformations in the speech of residents of Melgaço-PA, treating them as processes of linguistic variation. Based on Coutinho's (1976) models, Câmara Jr. (1884), Labov (2008), Bagno (2008) and Faraco (2007), for the constitution of the corpus, a questionnaire was built, consisting of previously selected questions containing, on purpose, the answers with the most recurrent transformed words, having A total of 120 data were collected. The quantitative analysis shows that the most recurrent metaplasms in the investigated community are of the transformation type, i.e., a phoneme of the word is transformed into another phoneme. We emphasize that this study is a synchronous approach, considering only factors of an extralinguistic nature in the variations found.

Keywords: Metaplasms. Melgaço. Quantitative Sociolinguistics.

¹ Discente do curso de Letras – Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Pará – Campus de Breves.

² Doutora em linguística. FALE – CUMB -UFPA.

INTRODUÇÃO

A língua é o conjunto de sinais que a humanidade expressa e utiliza para comunicar seus pensamentos e suas ideias, serve como um instrumento diário de comunicação entre os indivíduos de uma mesma sociedade.

Para se tornar a língua que é hoje, a Língua Portuguesa passou por diversos processos de transformação fonética, transformações pelas quais as línguas evoluem, sendo importantes tanto para o seu estudo diacrônico, relacionado às mudanças que a língua apresenta ao longo do tempo, quanto para seu estudo sincrônico, relacionado às características que a língua apresenta durante um dado período de tempo. Esses processos são chamados de metaplasmos.

Portanto, os processos fonológicos servem para facilitar a produção dos sons, ou grupos de sons. Visando compreender as variações oriundas de transformação fonética na fala de melgacenses, o estudo apresentado busca compreender de que forma essas variações acontecem no processo dialogal entre as pessoas, analisando o processo sincrônico com que isso acontece.

Este estudo compreenderá 120 dados de falantes de moradores do município de Melgaço, no Estado do Pará, arquipélago de Marajó, constituído de perguntas previamente selecionadas contendo propositalmente as respostas com os vocábulos transformados mais recorrentes.

1337

Por ser um município com um baixo IDH, Melgaço, na ilha de Marajó, Estado do Pará, é uma cidade onde a pobreza é visível nas pessoas e, especialmente na fala, em decorrência de uma baixa estimativa educacional e o alto índice de analfabetismo, especialmente, nas áreas ribeirinhas (GUIMARÃES et al, 2019).

I. GRAMÁTICA HISTÓRICA

A linguística histórica tem como objetivo principal estudar os processos de mudança da língua através do tempo, bem como comparar com outras línguas, a fim de entender as relações de parentesco, semelhança e diferenças que há entre elas.

Faraco (2005) aponta que linguística histórica não necessariamente se correlaciona com a história da linguística, pois seu objetivo não possui intenção de resgatar seu nascimento, de entender sua história em geral, mas de compreender as mudanças e variações que ocorrem com a língua pelo decorrer da própria história. Neste contexto, “as pessoas que se aproximam da linguística histórica pela primeira vez costumam confundir, de início, duas disciplinas científicas distintas: a história da linguística e a linguística histórica.” (FARACO, 2005, p. 13).

Ainda de acordo com o autor (2005), a linguística histórica começa a partir do século XIX, onde métodos mais rígidos e mais sistemáticos de observação de dados passaram a ser introduzidos nos estudos linguísticos. Pela primeira vez a linguística começa a tornar-se uma ciência, pois as semelhanças entre as diferentes línguas sempre chamaram a atenção de estudiosos e curiosos, porém, somente com a descoberta do sânscrito, uma língua já extinta, Sir William Jones (1746-1794) comparou o sistema sonoro do sânscrito, do latim e do grego e descobriu que essas línguas eram aparentadas, eram línguas quase irmãs, além disso, propôs que essas línguas derivaram de uma língua mãe; Proto-Indo-Europeu.

Esse método foi importante porque serviu de base para outros pesquisadores como Friedrich Schlegel (1772-1829), Franz Bopp (1791-1867), Rask (1787-1832), Jacob Grimm (1785-1822) que compararam o latim, o grego e o sânscrito com as línguas germânicas descobrindo que os sistemas sonoros das línguas tinham muitas semelhanças, onde provavelmente eram línguas aparentadas, derivadas do próprio indo-europeu. Desse modo, foi criado o método comparativo, procedimento central nos estudos de linguística histórica.

A descrição e a história da língua situam-se, ambas, no nível histórico da linguagem e constituem juntas a linguística histórica [...] Mas o fato de se manter parcialmente idêntica a si mesma e o fato de incorporar novas tradições é, precisamente, o que assegura a sua funcionalidade como língua e o seu caráter de objeto histórico. Um objeto histórico só o é, se é, ao mesmo tempo, permanência e sucessão. (COSERIU, 1979, p. 236-238).

A partir de então Jacob Grimm formulou um sistema que explicava as mudanças sonoras que aconteceram do Próto-Indo-Europeu para as línguas germânicas que estabeleceram e comprovaram mudanças de som em outras línguas do mundo que mais tarde ficou conhecido como Lei de Grimm, onde as consoantes do indo-europeu original /p/, /i/, /k/ haviam mudado, no ramo germânico dessa família, para /f/, /θ/, /h/ respectivamente.

Entretanto, mais adiante observou-se que um grupo de palavras parecia não obedecer às leis de Grimm, coube a Verner resolver esse impasse, propondo que uma mudança fonológica havia acontecido, a essa nova formulação chamou-se Lei de Verner:

Desse modo, Verner mostrava que as mudanças não haviam afetado uniformemente aquelas três unidades tomadas em si (como estava na formulação de Grimm): na verdade, elas haviam passado por processos diferentes de mudança (mas ainda regulares) conforme sua ocorrência num ou noutro tipo de contexto linguístico. (FARACO, 2005, p. 142).

Além disso, outros grupos como os neogramáticos se destacaram na linguística histórica, os mesmos estavam centrados na Universidade de Leipzig na Alemanha, eram críticos aos

métodos comparatistas, defendiam a ideia de que não se devia somente analisar os dados de língua e escrita, mas que deviam inserir dados da língua falada.

Também, é importante observar os pressupostos linguísticos do século XX, como algumas dicotomias formuladas por Saussure (2006), propulsor do estruturalismo, com base nos eixos sincronia e diacronia. Saussure considera o estudo sincrônico prioritário. Estabeleceu que o objeto da linguística era o estudo do sistema linguístico, para isso era necessário definir os conceitos, assim, o primeiro a ser definido é o de língua, que considerou como um sistema abstrato, pertencente a todos e a ninguém simultaneamente. Compreende-se, portanto, a relação entre sincronia e diacronia, que em sua visão, determinam mudanças e evoluções da língua. Nisto, “sincrônico tudo quanto se relacione com o aspecto estático da nossa ciência, diacrônico tudo que diz respeito às evoluções. Do mesmo modo, sincronia e diacronia designarão, respectivamente, um estado de língua e uma fase de evolução” (SAUSSURE, 2006, p. 96).

De acordo com Faraco (2005, p. 156) Saussure “entendia que as mudanças das línguas no tempo não se davam num conjunto de sistema de dependências recíprocas, mas apenas alteravam o valor de elementos do sistema tomados isoladamente”. Para Saussure outro conceito definido foi o de fala, onde mostrou que “A parte psíquica não entra tampouco totalmente em jogo: o lado executivo fica de fora, pois, a sua execução jamais é feita pela massa; é sempre individual e dela o indivíduo é sempre senhor; nós a chamaremos fala (parole).” (SAUSSURE, 2006, p. 21). Caracterizando, desta forma, a fala como individual, pois somente através dela se pode chegar à língua, ou seja, a fala é a manifestação concreta da língua.

1339

2. Mudança e variação

É notório que as línguas mudam com o passar do tempo, e essas mudanças ocorrem de forma particular em cada uma, de acordo com a realidade de qualquer pessoa falante de sua língua nativa. Essas mudanças, no entanto, ocorrem de forma organizada, onde as línguas passam por transformações ao longo do tempo. Cada estado de língua é resultado de um longo e contínuo processo histórico que em grande parte é despercebido diante de seus falantes.

A mudança e a variação caracterizam o fato sociolinguístico, pois não ocorrem apenas através de um longo espaço de tempo, mas no dia a dia. A variação de uma língua é a maneira pela qual ela se difere de outras formas da linguagem sistemática e coerentemente. “Desta forma, na sociolinguística, acredita-se que a variação é desencadeada tanto por fatores estruturais como também sociais.” (PEREIRA, 2015, p. 102). Coan e Freitag (2010, p. 174) afirmam que

Os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, [1972] 2008; 1978; 1994; 2001; 2003; 2010) desencadearam propostas de ensino assentadas: i) na correlação entre língua e sociedade; ii) na análise linguística de regras variáveis condicionadas por fatores linguísticos e extralinguísticos; e iii) na minimização de preconceitos vigentes na sociedade. Insistindo na correlação entre língua e sociedade.

A Sociolinguística Variacionista busca relacionar a variação linguística com outros fatores, sejam eles internos e externos à língua, é o seu movimento natural e comum. A variação linguística é a capacidade que a língua tem de se transformar e se adaptar de acordo com alguns componentes, existem variações de fala decorrente de fatores regionais, sociais, políticos, econômicos, culturais e educacionais, o conjunto dessas mudanças constitui a evolução dessa língua, ou seja, ela se define pela maneira como determinado grupo de falantes usa as formas linguísticas, portanto, é comum em todas as línguas e isso caracteriza o que se chama de variação linguística.

Recorrentes são as mudanças na língua, que se diferem com o passar do tempo, um caso de exemplo decorre do português do século XIII, que se difere do qual se fala hoje, ainda, o português do futuro também será diferente do atual, pois há processo de mudanças contínuas que perpassam pelo tempo. Neste contexto, “mudanças na organização social geram novas relações interacionais nas quais, então, se geram processos de mudança linguística” (FARACO, 2005, p. 66).

1340

É imprescindível as mudanças que ocorrem na língua por meio de tantas variações temporais. Apenas quando em desuso, uma língua deixará de conhecer novas mudanças. Neste caso, é evidente que a extinção de uma língua é resultado do desaparecimento da própria sociedade que a fala, ou seja, o desaparecimento total da língua paralisa a movimentação histórica da mesma. Entretanto, existem línguas como o Latim, por exemplo, que apesar de não ser utilizada como língua propriamente dita por nenhuma sociedade, de certa forma, continua sendo utilizada, mesmo que de forma bastante alterada, por sociedades que falam as línguas românicas, como o português, espanhol, francês e italiano. Para Faraco (2005, p. 15), “as razões para se criar uma tal imagem da língua. Entre elas, o próprio fato de que as mudanças linguísticas, embora ocorrendo continuamente, se dão de forma lenta, o que faz com que só excepcionalmente percebamos esse fluxo histórico no nosso cotidiano de falantes.”

Outra característica da mudança linguística é que esta ocorre de forma lenta e gradual, pois “Os falantes normalmente não têm consciência de que sua língua está mudando. Parece que, como falantes, construímos uma imagem da nossa língua que repousa antes na sensação de

permanência do que na sensação de mudança.” (FARACO, 2005, p. 14-15). Entende-se, portanto, que as mudanças ocorrem gradativamente, atingindo partes da língua e não o seu conjunto. Algumas línguas, entretanto, apresentam mudanças mais intensificadas. Nessa linha de raciocínio, mudanças abruptas e repentinas são impossíveis, pois, se ocorressem, destruiriam as próprias bases da interação socioverbal.

O processo de mudanças é recorrente de uma língua para outra, no entanto, uma mudança absoluta, de acordo com Saussure (2006, p. 168) não segue uma linha geral:

As mudanças absolutas são extremamente raras; amiúde, só parecem absolutas pelo caráter oculto ou muito geral da condição; assim, em alemão, *i* se toma *ei*, *ai*, mas somente em sílaba tônica; *_o* "i" indo-europeu se toma *h* em germânico (cf. indo-europeu "i" *olsom*, latim *collum*, alemão *Hals*); mas a mudança não se produz depois de *s* (cf. grego *skólus* e gótico *skadus*, "sombra").

Labov (2008, p. 19) explica que a “[...] mudança linguística parece envolver três problemas distintos: a origem das variações linguísticas; a difusão e propagação das mudanças linguísticas; e a regularidade das mudanças linguísticas.” Dentro desses eixos, pode-se entender que as mudanças e variações da língua é algo que muda conforme o modo de vida das pessoas dentro de diversos ambientes socioculturais. Desta forma, “nem todas as mudanças são altamente estruturadas, e nenhuma mudança acontece num vácuo social.” (LABOV, 2008, p. 20). Neste contexto, assim como Saussure (2006), Labov (2008) mostra que é inevitável que haja mudanças na língua, mas que estas ocorrem de acordo com o tempo e processo sociolinguístico e cultural, natural de língua e de seus falantes.

1341

3. METAPLASMOS

Para compreender as mudanças e variações que ocorrem na língua, analisando a fala sincrônica dos moradores de Melgaço-PA, é necessário entender o que é Metaplasmo, seus tipos e sua classificação quanto às mudanças na fala dos entrevistados.

Coutinho (1976, p. 142) afirma que “Metaplasmos são modificações fonéticas que sofrem as palavras na sua evolução. Os fonemas constituem o material sonoro da língua. Este material está, como tudo o mais, sujeito à lei fatal de transformações.”

Dentro deste entendimento, compreende-se que há mudanças constantes na fala. Botelho e Leite (2005, n.p) dizem que “Metaplasmos não são simplesmente os processos que a língua sofreu na passagem do Latim para o português, mas como podemos verificar na língua atual, esses fenômenos continuam agindo e transformando a Língua Portuguesa.”

Mediante esta compreensão, cabe estudar as transformações recorrentes na fala de munícipes melgacenses para chegar-se aos tipos de Metaplasmos mais recorrentes em sua comunicação diária. Dentro deste contexto, Faraco (2005, p. 75) mostra que:

Os falantes que não conhecem linguísticas, ao desenvolverem consciência de mudanças em sua língua, tendem, muitas vezes, a desenvolver paralelamente uma atitude negativa em relação a elas, entendendo-as como uma espécie de decadência: a mudança estaria empobrecendo a língua, degenerando-a, transformando-a para pior.

De acordo com Coan e Freitas (2010, p. 174) “William Labov crê que o novo modo de fazer linguística é estudar empiricamente as comunidades de fala.” Neste entendimento, cabe estudar a fala e os tipos de metaplasmos que decorrem desse processo (de falar) dos moradores de Melgaço.

4.1 Transformações na fala melgacense

Coutinho (1976) mostra que os metaplasmos dividem-se em quatro categorias dentre as quais denomina de metaplasmos por aumento; por supressão; por transposição e por transformação. Estas quatro categorias, identifica-se na forma de fala de moradores de Melgaço, cujos dados são apresentados abaixo após cada definição:

1. Metaplasmo por aumento: em Botelho e Leite (2005, p. 3) “Ocorrem quando inserimos um fonema no vocábulo, aumentando assim a sua forma fonética. Neste grupo, temos o caso da epêntese, do anaptixe (ou suarabácti), do paragoge (ou epítese) e da prótese”.

1342

I) “Epêntese: É a inserção de um fonema no meio da palavra. Dos casos em que ocorre epêntese, observadas em nossa língua oral” (BOTELHO; LEITE, 2005, p. 3):

Sobrancelha>sombrancelha – salgado>salgado – peixe>peixe/che/ – chibé³>chiubé

II) “Anaptixe (ou suarabácti): É o nome dado ao fenômeno de acrescentar uma vogal para desfazer um grupo consonantal” (Ibid., 2005, p. 3):

Advogado>adevogado – pneu>pneu – dignidade>diginidade – cacto>ca/qui/to

III) “Paragoge (ou epítese): É o nome dado ao metaplasmo que acrescenta um fonema no final da palavra” (BOTELHO; LEITE, 2005, p. 3):

Google>googles – hotel>hotels – variz>varize – nariz>narize

IV) “Prótese: É o nome que caracteriza o fenômeno de inserção de um fonema no início da palavra” (Ibid., 2005, p. 3):

Mostrar>amostrar – lembrar>alembrar – Limpar>alimpar – voar>avoar

2. Metaplasmos por supressão: “ocorrem quando suprimimos um fonema de um vocábulo. Veremos neste grupo os fenômenos da aférese, da apócope, da síncope.” (Ibid., 2005, p. 4), aqui se analisará aférese; apócope e síncope, que foram identificadas nas falas dos moradores de Melgaço:

³ Bebida brasileira típica da culinária tupi. É feito misturando de farinha de mandioca e água. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Chib%C3%A9>> Acesso: 20/05/2022.

I) “Aférese: É o nome que caracteriza o fenômeno de supressão de um fonema (ou uma sílaba) do início de um vocábulo” (Ibid., 2005, p. 4):

Você>cê – futebol>fut – aqui>qui – José>zé – até>té – está>tá

II) “Apócope: É o nome dado ao fenômeno que suprime um fonema no final do vocábulo” (Ibid., 2005, p. 4):

Bobagem>bobage – visagem>visage – contagem>contage – viagem>viagem

III) “Síncope: É o nome dado à supressão de fonemas no meio do vocábulo” (Ibid., 2005, p. 4):

Também>tamém – murcho>mucho – muito>muto – estudando>estudano – pintando>pintano – ovando>óvano – dançando>dançano – padrinho>padinho

3. Metaplasmos por transposição: “se dão por deslocamento de posição de fonemas em um vocábulo ou por transposição do acento tônico da palavra” (Ibid., 2005, p. 5):

I) “Metátese: É o nome dado à transposição de um fonema em uma mesma sílaba de um vocábulo” (Ibid., 2005, p. 5):

Perguntar>preguntar – procurar>percurar – prateleira>patreleira – entreter>enteterer

II) “Hipértese: É o nome dado à transposição de um fonema de uma sílaba para outra em um vocábulo” (Ibid., 2005, p. 5):

Prateleira>patreleira – nervoso>nevroso – Melgaço>Meglaço – tartaruga>tatraruga

III) “Sístole: É o nome dado ao deslocamento, por recuo, do acento tônico de um vocábulo” (Ibid., 2005, p. 5):

Ruim>ru/i/m – rubrica>/rú/brica

IV) “Diástole: É o nome dado ao deslocamento, por avanço, do acento tônico de um vocábulo” (Ibid., 2005, p. 6):

Apito>/Á/pito – apito>ap/i/to – gratuito>gratu/i/to – desagua>des/á/gua

4. Metaplasmos por transformação: “ocorrem quando um fonema de um vocábulo se transforma, passando a ser outro fonema distinto em lugar do primeiro” (Ibid., 2005, p. 6) para esta análise se utilizará apenas de degeneração e desnasalação:

I) “Degeneração: É o nome dado ao processo de transformação do fonema /b/ em fonema /v/” (Ibid., 2005, p. 6):

Varrer>barrer – Vassoura>bassoura – Besouro>vesouro – Travesseiro>travesseiro – assobio>assovio

II) “Desnasalação: É o nome dado ao processo de transformação de um fonema nasal a um fonema oral” (Ibid., 2005, p. 6):

Viagem>viage – visagem>visage – home>homi – fizeram>fizeru – ontem>onti – construíram>construio.

Essas variações sincrônicas que ocorrem, nos metaplasmos, por meio da oralização de parte dos munícipes melgacenses.

Por ser um município com a renda percepta inferior a outros municípios do estado do Pará, compreende-se que a qualidade da fala torna-se comprometida, especialmente em pessoas ribeirinhas e de baixa escolaridade, que foram sujeitos desta análise. “Como se vê, do mesmo modo como existe o preconceito contra a fala de determinadas classes sociais, também existe o preconceito contra a fala característica de certas regiões.” (BAGNO, 2008, p. 53).

Neste contexto, as mudanças e variações linguísticas são mais recorrentes nos moradores de classe baixa. Silva (2013, p. 143) mostra que “As mudanças linguísticas ocorrem, naturalmente, entre as gerações de falantes, mas também se processa através da variação entre as classes sociais. Normalmente, [...] das classes mais baixas da sociedade”. Compreende-se, portanto que:

Os aspectos linguísticos mais estigmatizados pelos falantes urbanos cultos ocorre nos modos de falar de negros, índios, mestiços e brancos pobres: a restrição das regras de concordância nominal, simplificação do paradigma verbal, a rotacização de [l] em encontros consonantais (pranta, crima, ingrês) ou em travamento silábico (fi[r]me, fa[r]ta, cu[r]pa), a lambdacização, velarização ou vocalização de [r] em travamento de sílaba (gaYfo, te[Y]ça, ce[Y]veja), a deslateralização da consoante [x], que se vocaliza (traba[i]o, pa[i]a, abe[i]a) etc. (BAGNO, 2011, p. 146).

Bagno (2011) mostra que mesmo que haja alguma diferença na fala das pessoas da cidade e do campo, as origens da fala derivam das mesmas fontes, umas mais instruídas na gramática do que outras. O que permite saber que, mesmo que haja diferença na fala dos munícipes melgacenses, essas variações decorrem de acordo com suas vivências, culturas e rotinas diárias em ambientes de trabalho, em casa e outros lugares.

CONCLUSÕES

Ao analisar as falas dos moradores de Melgaço, compreendeu-se que as variações linguísticas ocorrem independente da classe social das pessoas, pois é inevitável que ocorram mudanças dentro de uma língua. No geral, as variações dentro dos metaplasmos estudados, acontecem no cotidiano de trabalho dessas pessoas. 1344

Desta forma, “A linguagem não se restringe tão somente ao ato de transmitir informações, entre tantas outras, mas principalmente tem a função de comunicar ao ouvinte a posição que o falante ocupa na sociedade em que vive.” (SANTOS, 2001, p. 2), neste contexto, seria imprevisível afirmar, do ponto de vista do senso comum, o erro do falante, uma vez que está inserido num contexto de fala semelhante.

Ao analisar o lugar de fala dos melgacenses, é natural a compreensão dessas variações, uma vez que, em sua maioria, não tiveram contato com instruções educacionais viáveis para a compreender a própria fala. No entanto, percebe-se que sua comunicação é algo plausível, pois está dentro da realidade de convívio dos moradores de Melgaço-PA.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz?* São Paulo: Loyola, 2008.
- BAGNO, Marcos. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2011.

BOTELHO, José Mario; LEITE, Isabelle Lins. *Metaplasmos contemporâneos—um estudo acerca das atuais transformações fonéticas da Língua Portuguesa*. In: II Congresso de Letras da UERJ—São Gonçalo (II CLUERJ-SG). 2005

CAMARA JR., João Mattoso. *Dicionário de linguística e gramática*. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

COAN, Márluce; FREITAG, Raquel Meister Ko. *Sociolinguística variacionista: pressupostos teórico-metodológicos e propostas de ensino*. Revista Eletrônica de Linguística (<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem>) Volume 4, - n° 2 - 2° Semestre 2010 - ISSN 1980-5799. Disponível em: <<https://professorjailton.files.wordpress.com/2012/07/sociolinguistica.pdf>> Acesso em 15 de maio de 2022.

COSERIU, E. *Sincronia, diacronia e história: o problema da mudança linguística*. Rio/S. Paulo: Presença/USP, 1979.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. 7. Ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. 3. Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

GUIMARÃES, Jacqueline Tatiane da Silva; CARVALHO, Letícia Costa de; ARAÚJO, Sara Soares de; LACERDA, Silvana Ramos; SILVA, Matheus César Silva da. *INFÂNCIA E POBREZA: uma análise do município de Melgaço (Marajó/PA)*. IX Jornada Internacional de Políticas Públicas. Universidade Federal do Maranhão (UFMA), 2019. Disponível em: <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2019/images/trabalhos/trabalho_submissaoId_1401_14015cc9e1a71cd97.pdf> Acessado em 21 de maio de 2022.

1345

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PEREIRA, Rachel de Oliveira. *A variação teu/seu: um estudo diacrônico e sincrônico*. LaborHistórico, Rio de Janeiro, 1 (1): 99-115, jan. | jun. 2015. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/lh/article/viewFile/4787/3495>> Acesso em: 18 de maio de 2022.

SANTOS, Jenniffer Kaiolany Garcia Martins. *METAPLASMOS: a “evolução através dos tempos”*. Web Revista Questão de Linguística e Linguagem, 2001. Disponível em: <<http://linguisticaelinguagem.cepad.net.br/EDICOES/17/Arquivos/10%20JENNIFER.pdf>> Acesso em: 22 de maio de 2022.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Charles Bally, Albert Sechehaye (org.). 27. Ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, José Pereira da. *Gramática histórica e mudança linguística no português brasileiro*. XVII Congresso Nacional de Linguística e Filologia. Cadernos do CNLF, Vol. XVII, Nº 03 - Minicursos e Oficinas. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2013.